

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OS MAIS PRIMITIVOS NOMES DA PENÍNSULA HISPÂNICA.

GARCIA Y BELLIDO, Antonio

Ano: 1946 | Número: 56

Como citar este documento:

GARCIA Y BELLIDO, Antonio, Os mais primitivos nomes da Península Hispânica. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 227-250.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Os mais primitivos nomes da Península Hispânica

De um modo geral, em qualquer das grandes e antigas culturas do Oriente, incluindo a grega pré-helénica, a mera intuição do Ocidente da Europa, ou o seu conhecimento físico, directo, andavam intimamente ligados ao conhecimento da Espanha, ou, para nos expressarmos com maior propriedade — ao das terras que constituem a chamada Península Ibérica, considerada esta designação no sentido estritamente geográfico.

Tanto as culturas mesopotâmicas, como as mikra-siáticas e a egípcia, tiveram uma noção mais ou menos exacta do extremo ocidental do velho mundo; é uma realidade que temos de admitir, posto que, em rigor, difícil de comprovar, visto que os textos de que até hoje dispomos não são claros. Em compensação, as investigações arqueológicas têm demonstrado que, pelo menos, o contacto directo ou mediato entre os dois extremos do Mediterrâneo foi um facto indiscutível, dentro da primeira metade do segundo milénio antes de Cristo ⁽¹⁾. Partindo, pois, deste ponto

(1) Sobre estes achados veja-se principalmente a monumental obra de GEORG e VERA LEISNER, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, 1943; E. T. LEEDS, «A milestone in western Archaeology», na *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães, 1933, pág. 402-404; H. C. BECKE and J. F. S. STONE, «Faience beads of the British Bronze Age», em *Archaeol.*, vol. 85 (1936), pág. 203-252. Veja-se também a referência a estes trabalhos em IPEK, 1937, pág. 137 e ss. (H. KÜHN, «Die ägyptischen Perlen als Fixpunkt für die Chronologie der Bronzezeit»). Sobre as mais recentes opiniões de GORDON CHILDE e HAWKES cf. as largas referências de L. PERICOT em *Ampurias*, VI (1944), p. 353 e 361, respectivamente.

concreto, occorre perguntar: uma vez que as culturas orientais estabeleceram contacto, directo ou indirecto, com o extremo Occidente, e nomeadamente com a Península Ibérica, que designação foi dada a esta? Que palavra empregaram para lhe fazer referência? E' neste campo que pisamos terreno menos firme.

Antes de mais, devemos notar que, apesar de os testemunhos a que acima aludimos nos aparecerem quasi exclusivamente relacionados com o Egipto, nenhuma referência à Espanha se encontra nos textos desta fonte. Ignoramos portanto como lhe chamaram os egipcios. Pelo contrario, e apesar da falta de uma documentação arqueologica segura relativa à Mesopotâmia, é daí que nos surge o mais antigo testemunho escrito contendo uma possível alusão à Península Ibérica.

Trata-se de um texto cuneiforme assirio, talvez datável do ano 2800, aproximadamente. Nele se lê: «Anaku, Kaptara, os países para além do mar superior [Mediterrâneo], Dilmun, Magan, os países para além do mar inferior [Golfo Pérsico] e os países desde aquele onde o sol nasce até onde ele morre, conquistados três vezes por Sargón, rei do mundo» (1). E' evidente que este texto pretende demarcar com tais nomes os extremos do mundo então conhecido; nesse caso é lícito, ou pelo menos admissível, concluir que no termo Anaku se encontra uma referência ao Occidente, e por consequência também à Espanha, ou até expressamente a esta, visto que Anaku, segundo os assiriólogos, é a palavra que designa o «chumbo» e o «estanho», metal este último que a Espanha exportou abundantemente na época do bronze no Oriente, conforme o comprovam testemunhos fidedignos, um pouco posteriores. O texto não é, porém, tão claro que esteja à margem de objecções ou dúvidas, mas convém citá-lo aqui, pelo valor que possa apresentar no assunto em causa.

Admite-se que os achados de procedência oriental assinalados em Espanha, atribuidos a essas remotas eras do segundo milénio antes de Jesus Cristo, sejam

(1) Vide SCHULTEN, *Font. Hisp. Ant.*, I, 156; e, do mesmo autor, *Tartessos* 2, pág. 21 e ss.

produtos do comércio fenício. Os fenícios sulcavam então os mares, monopolizando o tráfico e o intercâmbio entre o Oriente e o Ocidente, facto que tem sido demonstrado por muitos documentos literários dignos de crédito. Tem, por conseguinte, aqui lugar nova pergunta: Que nome davam os fenícios às terras do Ocidente, e designadamente à Espanha? Nesta altura já podemos utilizar dados literários do maior interesse, pela sua relativa precisão. Vamos a êles.

Há mais de meio século descobriu-se um texto bíblico, não canónico, mas de um valor histórico indiscutível, que parece inspirado, pelo menos em parte, em velhas fontes escritas fenícias, remontando aproximadamente ao ano 1000 antes de J. C. E' o chamado livro «dos Jubileus» (1), o qual contém uma exposição paralela à do Génesis (motivo por que se lhe chama também «Pequeno Génesis»), e a descrição de um suposto planisfério fenício. Pois bem: ao descreverem-se ali as partes do mundo conhecido, chama-se, ou parece chamar-se, a esta região ibérica do remoto Ocidente—Meschech, aludindo-se porventura, com este nome, e num sentido lato, a um povo peninsular situado no E. ou SE. de Espanha, que poderíamos identificar com aquele que posteriormente os textos gregos tornaram conhecido pela designação de *Μαστιννοί*, *Μαστιανοί*, ou ainda *Μασσιανοί*, localizado com toda a precisão na costa Sul e Sueste, entre Malaga e o Rio Segura. A capital desse povo seria provavelmente onde hoje se encontra Cartagena, cidade esta (ou qualquer outra nas suas proximidades) que, em tempos anteriores ao século III, se chamou *Μαστια* ou *Μασσια*, nome que evidentemente contém aquela mesma raiz. Tanto a cidade como o povo já aparecem citados deste modo desde o ano 500 antes de J. C. (2). Nos

(1) Fizeram-se várias edições críticas desta obra. Para a sua interpretação em matéria geográfica, veja se, como mais recente, o livro de HERRMANN, *Die Erdkarte der Urbibel*, Braunschweig, 1931. Cf. também o nosso livro *Fenícios y Carthagineses en Occidente*, Madrid, 1942, pág. 15, com bibliografia.

(2) ΗΕΚΑΤΑΙΟΣ apud STÉPH. BYZ., *Frag.* n.º 40, 41, 42 e 44 de JACOBY, *Frag. griech. Hist.*, I, e ΗΕΡÓΔΟΡΟΣ DE ΗΕΡÁΚΛΕΙΑ, vide *Frag. griech. Hist.*, I, 215, 502. Também em POLYB., III 24, 2, 4; III, 33, 9; ΤΗΕΟΡΟΜΡ. apud STÉPH. BYZ., em *Frag. Hist.*

restantes textos bíblicos, canónicos, não se encontra tal designação; mas, em compensação, surge profusamente e a cada passo a de Tarschisch.

O termo Tarschisch é considerado hoje, com bons fundamentos, como o equivalente fenício do termo grego Tartessós (Ταρτησσός). Mas não é aqui lugar para desenvolver novamente este assunto ⁽¹⁾. No Antigo Testamento cita-se com frequência êste nome ⁽²⁾, em manifesta alusão ao Ocidente, todavia com uma tal imprecisão que obriga a recorrer ao termo grego Tartessós, se queremos limitar um pouco mais a sua ubicuidade.

Com efeito, no Antigo Testamento, Tarschisch é uma designação vaga, que não oferece possibilidades de, por meio dela, se fixar uma determinada área geográfica. Parece depreender-se que, cerca do ano 1000 antes de Jesus Cristo, e ainda séculos mais tarde, Tarschisch significou para os fenícios uma terra situada a Ocidente, no extremo do Mediterrâneo, talvez equivalente, por consequência, ao conjunto a que hoje chamamos Península Ibérica, sem que todavia uma tal noção encerrasse um claro conhecimento do carácter peninsular dessa terra, conhecimento esse que pôde ser adquirido por intuição, mas que só um pouco mais tarde alcançou estado científico. Se hoje colocamos Tarschisch no Sul da Espanha, nas proximidades do Estreito, é só pela precisão que o termo equivalente grego de Tartessós nos oferece, muito mais concreto e limitado, termo este que, por outro lado, apenas diz respeito a uma pequena zona da Península, como adiante veremos. Isto nos convida a investigar que nome deram os gregos primitivos à nossa Península.

Acabamos de ver que os nomes mais remotos com que os orientais conheceram a Península Ibérica,

Graec. de MÜLLER, I, p. 316, n.º 224, e na *Ora Maritima* de AVIENUS, 422, 450 e 452.

⁽¹⁾ Basta-nos apontar SCHULTEN, *Tartessos* 2, p. 51 e ss., que ultimamente tratou desta equivalência.

⁽²⁾ Veja-se a minha obra *Fenícios y Carthagineses en Occidente*, p. 13 e ss., e *Font. Hisp. Ant.*, I, 157 e ss.

ou o Ocidente de que ela faz parte, foram, ao que parece, os de Anaku, Meschech e Tarschisch. São estes, pelo menos, os que chegaram até nós. Mas também os pré-helenos e os gregos primitivos tiveram a intuição e o conhecimento do Ocidente, e com ele o da Espanha. É uma verdade, há muito proclamada e largamente testemunhada pela arqueologia, que os povos do Egeu anteriores e posteriores ao ano 1000 antes de J. C. tiveram um estreito contacto com o Sul da Itália e a Sicília, e um pouco mais frouxo, mas evidente, com a Sardenha, o Sul da França, as Baleares e a Espanha (1). Igualmente é de há muito conhecido que nos poemas homéricos, em especial na Odysseia, se alude com frequência ao extremo Ocidente. Infelizmente os textos epigráficos cretenses não são bastante conhecidos para que possamos utilizá-los como fonte histórica; de modo que, se neles existe alguma referência à Espanha, ou ao Ocidente em geral, é coisa ignorada. Por outro lado, as alusões dos poemas homéricos ao Ocidente são muito vagas, pois nada contém que designe expressamente um determinado país. Para o fim em vista, portanto, os poemas homéricos carecem de valor documental.

Coisa diferente se recolhe de Hesíodos. Em Hesíodos (cerca do século VIII-VII) não há apenas citações referentes ao Ocidente em geral e ao Oceano, mas já se alude concretamente às Hesperides, colocando a sua morada justamente na região situada cerca do Marrocos atlântico e da zona gaditana (2). As Hesperides (αι Ἑσπερίδες) eram as filhas de Hésperos, e viviam num horto magnífico. O termo grego ἑσπερος significa precisamente «a tarde», «o anoitecer» e, por extensão, tomando a palavra em sentido espacial, geográfico, «o Ocidente», «o Ocaso», o lugar, em suma, de onde surge a noite e onde o sol se esconde, dando passagem às sombras. Os nomes de hésperos e hesperides têm, portanto, na mitologia grega, a partir de

(1) Sobre este ponto cf. o meu trabalho «Las primeras navegaciones griegas a Iberia», no *Arch. Esp. Arqueol.*, n.º 41, 1940, pág. 97 e ss. Vide também o meu livro, no prelo, *Hispania Graeca*.

(2) HES, *Theog.*, 215-16, 274-75, 517, 518 e 776.

Hesíodos, um valor simbólico que encerra a ideia do Ocidente, e que sem dúvida o designa também, com carácter de nome próprio.

O nome, neste caso, é extraordinariamente vago; para os gregos primitivos, ou para aqueles autores helenos pouco informados, «Hesperia», ou o país do Ocidente, podia ser, e era-o de facto, a terra situada imediatamente a seu lado ocidental. Verifica-se, em consequência, que uma tal designação recaiu por vezes na Itália, à qual realmente se chamou Hespéria. Mas, à medida que os descobrimentos geográficos dos gregos foram ampliando a extensão do mundo conhecido, e estes se iam familiarizando com as novas terras do Ocidente, o nome de Hespéria e o limite geográfico que ele envolvia houveram de emigrar para o ocaso, até alcançarem o «finis terrae», ou seja — o Oceano imenso, o extremo ocidental do orbe. Ali houve de fixar-se definitivamente aquele nome, pois só ali cabia o conceito real e pleno de Ἑσπερος, de «Ocidente».

E' esta a razão pela qual se explica o facto estranho de que, sendo a *Hesperia* para os gregos um equivalente de Itália, seguidamente nos apareça o «Jardim das Hesperides» em pleno Oceano, do outro lado das Colunas de Hércules. Desde então, num sentido lato, Hesperia passou a significar tanto a Península Ibérica como o extremo Ocidental da Africa (Marrocos atlântico), mas não concretamente a Espanha, como se julga. O nome tópico que ela teria então para os gregos, se é que lho deram, não o conhecemos.

Existe, porém, um antiquíssimo texto, muito adulterado por sucessivos retoques, que chegou até nós numa versão métrica latina muito mais recente, e que encerra alguns dados curiosos relativos aos primeiros tempos em que o Ocidente se foi abrindo ao conhecimento dos gregos. Ali figura um nome tópico, talvez concretamente alusivo à Península. O referido texto está contido no poema geográfico de Avienus, «*Ora Maritima*». Segundo de ali se depreende em certa passagem, a Península Ibérica foi em determinado tempo conhecida pelo estranho nome tópico de *Ophioússa*, ou seja «terra de serpentes» (ὄφις = cobra, serpente). Os versos que a tal se referem parecem claros a

este respeito, e dizem: «depois [de Oestrymnis, que devemos identificar com a Bretanha francesa]... descobre-se um grande golfo de extenso mar [o golfo, ou mar Cantábrico] até Ophiussa. Em seguida, desde este litoral até o Mar interior [Mediterrâneo], apresenta-se ao caminhante uma via de sete dias. Ophiussa tem tanta largura como a Ilha de Pelops [península da Moreia, ou do Pelopónnesos]»... (1). Tanto o sentido desta passagem como os nomes que ela encerra se deixam amoldar bem à geografia, e não há reparo de maior que possa estabelecer discrepância com o que se deduz, isto é — que aquela *Ophioussa* (2) há-de localizar-se, sem dúvida alguma, na Península Ibérica. O texto é claro, e a comparação com a Península da Moreia (que certamente não é uma glosa de Avienus, mas sim, como suponho, um esclarecimento do velho e pristino texto) acentua, salvo o grosseiro êrro das dimensões (o que aliás comprova possivelmente a vetustez da comparação), não só a identificação com a Espanha, mas, o que é mais — o conhecimento do seu carácter peninsular, conhecimento este devido então aos navegantes (e o texto de Avienus é a principal fonte a atestá-lo) que faziam a viagem à Galiza, Bretanha e Cornualha, em demanda do estanho. Esta percepção morfológica da Espanha dentro em breve se perdeu, para volver a descobrir-se (a julgar, ao menos, pelos textos conhecidos) após a viagem ou viagens de Pytheas o massaliota, cerca do final do século IV a. de J. C.

Se aquele nome foi dado pelos fócios, ou por quaisquer outros gregos que houvessem percorrido estas paragens na época mais remota das navegações

(1) Post illa.....
 magnus patescit aequoris fus(i) sinus
 Ophius(s)am ad usque rursum ab huius li(t)tore
 internum ad aequor.....

 septem dierum tenditur pediti via(e).
 Ophiussa porro tanta panditur latus
 quantam iacere Pelopis audis insulam
 Graiorum in agro

Av., *O. M.*, 146 e ss.

(2) Transcrevemos deste modo, restituindo ao grego o que, em Avienus, se encontra em latim *Ἰοπιούσσα* = Ophiussa.

para o extremo Ocidente, é coisa que não pode precisar-se; mas é lícito admitir que fosse anterior às explorações de Phókaia (1), perto do seu início. O nome de Ophioússa parece jónico, e desde então foi dado também a várias ilhas mikrasiáticas, como a de Rhodes por exemplo, e cito esta ilha porque eram então os rhódios, segundo os textos e os dados arqueológicos (2), os que mais frequentemente rondavam por estes mares. Em todo o caso, *Ophioússa* dá a impressão de ter sido um nome geográfico aplicado concretamente à Espanha, ou, pelo menos, a uma grande parte dela, visto que o texto de Avienus, em lugar de se referir a toda a Península, parece ajustar-se melhor somente à sua parte ocidental, ou atlântica, quer dizer — à região portuguesa.

O nome de Ibéria. — Em certos textos gregos mais recentes, ao falar-se da Espanha aparece, pela primeira vez, a palavra *Iberia* (Ἰβηρία), nome então já familiar, que através de várias vicissitudes, conseguiu perdurar até hoje. Foi esta, entre os gregos, a designação única e geral dada à Península, quer se referissem à sua totalidade, quer apenas a uma das suas partes. Ainda mais: ao passo que entre os romanos se usou sempre, como adiante veremos, o nome de Hispânia, estava entre os gregos tão arraigado o de Ibéria, que estes continuaram a empregá-lo, inclusivamente os escritores que viveram em plena época republicana ou imperial, e escreveram num ambiente puramente latino, época e meio em que o nome de Hispânia era corrente, e único também, para os latinos. Correlativamente, a palavra *Iberia* correspondia o nome étnico de *iberes* (Ἰβηρες), no plural, o de *iber* (Ἰβηρ) no singular, e, com ele, os restantes derivados. É oportuno investigar agora, como e quando aparece pela primeira vez, nos textos gregos conhecidos, o nome de Ibéria.

Como em geral sucede, os primeiros testemunhos são sempre um tanto ou quanto discutíveis. No

(1) Cf. o meu livro *Hispania Graeca*.

(2) Idem.

velho texto contido no poema geográfico de Avienus, *Ora Maritima*, encontramos as palavras *Hiberia* ⁽¹⁾, *hiberi* ⁽²⁾ e *Hiberus* (rio) ⁽³⁾. É interessante notar que, apesar de o poema de Avienus ser escrito em latim e por um latino, não aparecem nele, uma única vez, as designações latinas *Hispania* e *hispani*, respectivamente como tópica e étnica, e que, pelo contrário, em todos os casos citados, surge estranhamente a palavra grega Ibería e seus derivados adjectivais, mas com o inesperado *h*, que nas grafias gregas não tem justificação alguma. Se *Hiberia* e *hiberi* são em Avienus transcrições fiéis de alguns dos «vetustôs» textos gregos de que, directa ou indirectamente, se valeu (pois êle próprio diz ter colhido informes em autores helenos muito antigos), teremos aí talvez as mais remotas provas conhecidas do uso entre os gregos do nome em questão, uma vez que, pelo menos uma parte dêste poema (certamente a mais importante e extensa), não podemos deixar de atribuí-la a um original grego, roteiro ou périplo, datável do século VI ou anterior.

É possível, todavia, que se trate de meros esclarecimentos eruditos dos refundidores que precederam Avienus, ou do próprio Avienus, que procurou dar ao seu poema um ar de arcaica velhice, no intuito de lhe aumentar o valor documental e erudito. Esta dúvida diminua um tanto o interesse daquelas primeiras referências; contudo, o modo e a forma como são apresentadas no texto de Avienus autorizam a supô-las «originais», quer dizer existentes já nos autores-fontes de que ele directa ou indirectamente se valeu, segundo a própria confissão, para compor a sua poesia didáctica.

Em resumo: é verosímil que a palavra Ibería se encontrasse já no antigo roteiro que serviu de base à *Ora Maritima*, e portanto que tenhamos de atribuí-la à primeira metade ou a cerca de meados do séc. VI. Sendo assim, concluiríamos (posto que por meio indirecto e com seus matizes de dúvida) que o nome

(1) v. 253.

(2) vv. 250, 472, 480, 552 e 613.

(3) vv. 248 e 503.

Ibería já naquela data era usado pelos gregos. E teríamos então ali o primeiro testemunho conhecido de tal nome.

Esta conclusão é tanto mais de aceitar quanto é certo que, poucos decénios após aquela data, um autor grego, o geógrafo eminente Hekataíos de Miletos, empregou igualmente a palavra Ibería como nome tópico, para designar o que hoje em dia chamamos Espanha. Efectivamente, por um recompilador muito mais recente, o famoso Stéphanos de Byzantion, que, no século VII da nossa era, respiga e recolhe velhos textos gregos para compor um dicionário geográfico, sabemos que Hekataíos, escrevendo na Asia Menor cerca do ano 500 antes de J. C., citou várias localidades do Ocidente, da Espanha, situando-as numa terra que designou Ἰβηρία.

Mas também aqui se levanta a dúvida, pelo facto de não sabermos ao certo se Stéphanos, ao citar o tópico Ibería, o fez pela boca de Hekataíos ou por sua conta, no intuito de esclarecer o texto daquele. Esta dúvida é de mera precaução, pois não tem muita razão de ser, uma vez que Hekataíos devia localizar as cidades a que se referiu em qualquer terra de nome conhecido, e este não podia ser outro senão o que já era corrente entre os gregos. De modo que é bem provável que, por alturas do ano 500, o nome de Ibería, que pouco tempo depois seria vulgar, existisse já entre os gregos, com um valor corrente para designar a Espanha. Eis como são dadas estas citações de Stéphanos: Ἐσθητες ἔθνος Ἰβηρικόν, Ἐκαταίος Εὐρώπη; Σικάνη, πόλις Ἰβηρίας, ὡς Ἐκαταίος, Εὐρώπη; Παραυγάται, οἱ Ἰβηρες, Ἐκαταίος Εὐρώπη, etc., etc. (1). Passemos em claro outros textos de data duvidosa, cujo conteúdo, não obstante, é muito provável que proceda também do século VI (2), e vamos a testemunhos mais precisos.

A primeira designação indubitável encontra-mo-la no historiador Heródotos, que escreveu, como é sa-

(1) Vide IACOBY, *Frag. griech. Histor.*, I 47, 45, 49; e também 46, 48, 50, 51 e 52.

(2) Podem ver-se compilados nas *Font. Hisp. Ant.*, I, pág. 168 e 169.

bido, por meados do século V antes de J. C. Tem o valor de ser directa, quer dizer, existente no próprio texto de Heródotos, e não em glosadores ou escoliastas posteriores. Heródotos tanto cita a *Iberia* (na forma jónica de *Iberie*, Ἰβηρίη), como os *iberes* (Ἰβηρες) seus habitantes (1).

Daquela data em diante, o testemunho dos autores gregos é de tal modo abundante e vulgar, que não interessa ao caso presente a colheita de novos documentos. Basta dizer que esse nome não é apenas universal para o mundo grego, mas ainda o único usado e conhecido. A sua identificação com a zona meridional e oriental da Península é evidente, em princípio; todavia, com o carácter de generalidade, extensivo a toda ela, é caso duvidoso, que convém esclarecer.

Extensão do nome Ibéria. — Os gregos não conheceram, como é natural, logo de uma vez, a Península Ibérica. Começaram por visitar as costas meridionais e orientais, que se lhe iam tornando cada vez mais familiares. Nem gregos nem romanos formaram uma ideia precisa da configuração da Espanha, até à época de Pytheas, ou, mais rigorosamente, até ao século II e I antes de J. C., data em que acabaram de conquistar o O., NO. e N. da Península.

Assim, inicialmente, o nome de Ibéria só era aplicado a uma pequena parte da Península. De forma que, após determinado momento em que a Iberia era apenas, ao que parece, uma diminuta região da provincia de Huelva (2), houve um largo período durante o qual esta designação se estendeu pela costa mediterrânea, abrangendo de um modo geral toda a zona desde o Cabo de S. Vicente até o Ródano, acabando finalmente por designar, já em pleno tempo romano, a Península em toda a sua integridade física, equivalendo, em tudo e por tudo, ao termo latino *Hispania*,

(1) HERÓD., I, 163 ... τὴν Ἰβηρίην καὶ τὸν Ταρτησσόν...; VII 165 ... Φοινίκων καὶ Λιβύων καὶ Ἰβήρων καὶ Λιγύων...

(2) Veja-se adiante o parágrafo consagrado à origem do nome Ibéria.

e ao que actualmente conhecemos pela designação de Península Ibérica.

Uma prova evidente do que acabamos de dizer fornece-a Polybios, que esteve no interior da Espanha (em Numantia) nos começos do último terço do século II antes de J. C. O grande historiador grego diz: «Chama-se Ibería a parte que fica sobre o Nosso Mar [Mediterrâneo] a partir das Colunas Herákleas [Estreito de Gibraltar]; mas a parte que fica junto ao Grande Mar ou Mar Exterior [Atlântico] não tem nome comum, por haver sido reconhecida recentemente» (1). Este reconhecimento recente da parte ocidental da Península, a que Polybios alude, foi levado a cabo em 138 por Brutus, o «Gallaecus» (o «galego»), que chegou até ao curso inferior do Douro, à região a que os romanos passaram a chamar desde então *Gallaecia*. Anos antes, as legiões romanas haviam reconhecido, também em som de guerra, todo o interior da Península, hoje constituído pela Castela Nova e grande parte da Castela Velha. Posto que os textos dêem implicitamente a entender que essas regiões faziam parte do que se chamava a Ibéria, não as citam como tal, sem dúvida porque não se ignorava que isso induziria em confusão, uma vez que o nome de Ibéria andava ligado ao de iberos, e estes já não podiam deixar de distinguir-se dos celtas e celtiberos do interior, nem dos gallaeci, ástures e cantábros do NO. e do N., povos então conhecidos directamente pela primeira vez. Foi esta a razão pela qual Polybios não tornou extensiva a essas regiões a designação de Ibería, deixando ao futuro o problema do seu nome.

O futuro, porém, houve de atender mais à necessidade de designar por um só nome toda a unidade geográfica peninsular, do que de inventar diversas nomenclaturas tópicas, baseadas nas étnicas, para as novas regiões exploradas e reconhecidas. Prevaleceu portanto o critério geográfico sobre o étnico, e tanto os gregos com *Ibería*, como os Romanos com *Hispania*, acabaram por designar, sem distinção parcial, toda a

(1) POLYB., III 37, 10 e 11. κλεῖται δὲ τὸ μὲν παρὰ τὴν καθ' ἡμᾶς παρῆκον ἕως Ἡρακλείων στήλων Ἰβηρία, τὸ δὲ παρὰ τὴν ἔξω καὶ μεγάλην προσσχηρεμένην κοινὴν μὲν ὀνομασίην οὐκ ἔχει διὰ τὸ προσράτω; κατοπτρεύσθαι.

massa peninsular, desde os Pirineus até o Estreito, e desde o Cabo da Roca até às Baleares inclusivé.

Vejamos o que, a este respeito, nos diz Strábon, que escreveu a sua Geografia quando, com Augustus, já não havia *terrae incognitae* na Península, isto é, em fins do século I antes de J. C., começos da nova era: «Com o nome de Iberia — diz o geógrafo — os antigos [gregos] designaram todo o país, a partir do Rhodanos [Ródano] e o istmo que se estende entre os golfos galáticos [de Leão e Biscaia], enquanto que os de hoje colocam o seu limite no Pyrene [Montes Pirineus]» (1). O texto straboniano não pode ser mais explícito. E' este conceito que, daí por diante, encontramos já em toda a parte, tanto entre gregos como entre latinos. Procurar mais citações seria trabalho supérfluo.

Ao correr da pena, deixamos todavia pendente uma questão, que já talvez haja causado surpresa ao leitor. Em Strábon diz-se que, primitivamente, os autores gregos incluíam no conceito geográfico, espacial, de Ibéria a parte do Sul da França que vai dos Pirineus ao Ródano. Em que se teriam baseado eles para cometerem tal erro aparente, que, já antes de Strábon, tinha sido rectificado, apesar de este autor considerar a correcção como do seu tempo (século I antes de J. C.)? Vamos vê-lo.

Num périplo datável do século IV antes de J. C. atribuído a Skylax de Karianda, lê-se este parágrafo, em seguida ao ponto em que trata dos iberos da costa oriental da Espanha, e depois de citar Empórior (Ampúrias, junto dos Pirineus): «Atrás dos iberos encontram-se os ligures e os iberos mesclados, que se estendem até o Ródano»; e seguidamente refere-se à duração da viagem por mar, dizendo: «A viagem por mar, costeando a terra dos ligures, desde Empórior até o rio Ródano, dura dois dias e uma noite» (2).

(1) STRAB., III 4, 19. ἐπεὶ καὶ Ἰβηρίαν ὑπὸ μὲν τῶν προτέρων κληῖσθαι πᾶσαν τὴν ἔξω τοῦ Ῥωδανοῦ καὶ τοῦ ἰσθμοῦ τοῦ ὑπὸ τῶν Γαλατικῶν κόλπων σφιγγομένου, οἱ δὲ νῦν ὄριον αὐτῆς τίθενται τὴν Πυρηνόν.

(2) MÜLLER, *Geogr. Graec. Min.*, I 17, 3. Δίγυες καὶ Ἰβηρες, ἀπὸ δὲ Ἰβήρων ἔχονται Δίγυες καὶ Ἰβηρες μιγάδες μέχρι ποταμοῦ Ῥωδανοῦ, παράπλους Δίγυων ἀπὸ Ἐμπορίου μέχρι Ῥωδανοῦ ποταμοῦ δύο ἡμερῶν καὶ μίξ νυκτός.

Na verdade, ainda que este curioso texto não existisse, a alguma coisa de semelhante teríamos chegado também com o auxílio da arqueologia e da toponímia. Não falando já de certos nomes tópicos situados no Rossilhão, tal como Illiberri (Elna), os achados arqueológicos (moedas, alfabeto, cerâmica, etc.), demonstram a existência, ainda no século II-I antes de J. C., de gentes de estirpe ibérica naquela região próxima dos Pirineus, possivelmente restos de grupos mais numerosos, expulsos pelos galos que anteriormente haviam também ocupado sem dúvida uma parte, pelo menos, da Provença, até à margem direita do Ródano. Dentro desta interpretação, deve considerar-se explicável a notícia de um texto anterior, de Aischylos (Esquilo), que faz correr o Ródano pela Ibéria ⁽¹⁾, assim como no mesmo sentido podem identificar-se os *μυγάδες* (mesclados) do Ps. Skylax com os, de outro modo inexplicáveis, *μισσητες* de Hekataios ⁽²⁾. E' evidente que o erro procedia da identificação do nome étnico com o geográfico, supondo que a Ibéria se estendesse até o Ródano só porque os iberos, em determinado tempo, chegavam precisamente até à sua margem. O erro porém já havia sido corrigido em fins do século III, pelo menos, visto que pouco depois, quando os romanos fizeram a primeira divisão da Espanha, a província Citerior terminou na Narbonense, ou seja nos Pirineus.

Origem do nome Ibéria. — De onde veio o nome de Ibéria? Ao descrever o litoral da região de Huelva, a périplo contido na *Ora* de Avienus cita um rio, porventura o actual Rio Tinto ou o Odiel, ao qual chama *Hiberus*, dizendo, em seguida: «Muitos sustentam que os iberos receberam dele o seu nome, e não do rio que corre entre os irrequietos vascones. E toda a terra que está situada na parte ocidental do referido rio é chamada Hiberia; por outro lado a parte

(1) PLIN., *N. H.*, XXXVII, 32, Aeschylus in Iberia Eridanum esse dixit eundemque appellari Rhodanum.

(2) JACOBY, *Frag. griech. Histor.*, I, n.º 50: *Μισσητες, ἔθνος Ἰβηρίας*.

oriental está ocupada pelos tartéssios e pelos cilvencos» (1). Se prescindirmos do parágrafo onde se fala dos vascones, que na opinião de muitos, acertada ao que parece, é um esclarecimento interpolado por Avienus ou por qualquer dos seus antecessores no manuseamento do texto primitivo, torna-se evidente que, nesse texto prístino, os iberos e o Iber estavam localizados na região do Sul, mais concretamente, em Huelva, e portanto antes das Colunas de Hércules (Gibraltar). É curioso notar que o nome de Hiberus ou Iber, aplicado a este rio da zona de Huelva, é muito antigo, tanto assim que não volta a ser citado em textos mais recentes, o que acontece, como é sabido, com muitos outros nomes contidos no velhíssimo texto que serviu de base à *Ora Maritima*.

Contudo, esta citação da *Ora* poderia ser discutível, se não fosse a circunstância de existir uma outra referência, igualmente muito antiga, embora um pouco posterior (datável do século V antes de J. C.), na qual se faz menção de uns iberos, localizados precisamente na região de Huelva, também junto dos tartéssios, mas diferenciados deles. Nesse texto, estas entidades étnicas são designadas de E. para O., da seguinte forma: «Nas margens do mar Sardo [Mediterrâneo Ocidental] habitam em primeiro lugar os libyenícios, colonos cartagineses [zona costeira entre Almeria e o Estreito]; depois, segundo dizem, estão os tartéssios [região do Baixo Guadalquivir]; ao seu lado estão os íberes» (2).

(1) Vv. 248-255

at Hiberus inde manat amnis et locos
fecundat unda. plurimi ex ipso ferunt
dictos Hiberos, non ab illo flumine
quod inquietos Vasconas praelabitur.
nam quicquid amnem gentis huius adiacet
occiduum ad axem, Hiberiam cognominant,
pars porro eoa continet Tartessios
et Cilbencos.

(2) O texto encontra-se no chamado PSEUDO SKYMNOS DE CHIOS, 199, e deve proceder de um autor do século V, e não de Éphoros, como se tem dito. Ei-lo :

ἕως δ' ὡς λόγος
Ταρτήσσιοι κατέουσιν. εἰτ' Ἴβηρες οἱ
προσεγείσ

Os íberes deste documento eram pois os mesmos que os citados no texto de Avienus, e por isso tanto um como outro autor abonam a sua antiguidade.

Outro texto muito mais tardio, porém de grande autoridade, diz a mesma coisa, confirmando portanto os dois anteriores. Encontra-se em Strábon, mas procede, como explicitamente declara o geógrafo, de um tal Asklepiades de Myrleia, cidade da Bythínia, na Ásia Menor. Este escritor esteve por largo tempo em Andaluzia, cerca do século I antes de J. C., onde ensinava «gramática»; escreveu também uma descrição dos povos turdetanos, que se perdeu, mas ainda foi utilizada por Strábon. Pois bem: daí procede esta frase: «Outros chamam Iberia apenas à região da parte de cá do Íber, a cujos habitantes a princípio chamavam igletes, e ocupavam uma pequena região, no dizer de Asklepiades o Myrleanós» (1).

Deste período parece depreender-se que *Iberia* proveio do *Íber*, a que actualmente chamamos Ebro; mas o texto diz que esse rio passa por uma pequena região ocupada pelos *igletes*. Quem eram estes *igletes*? Os *igletes*, também chamados *gletes* por Théopompós (2), eram gentes que, ao tempo do périplo contido na *Ora* (século VI antes de J. C.), ocupavam precisamente a região de Huelva, sendo citadas no poema com o nome de *ileates* (3) e não voltando a ser mencionados na região do Ebro.

De menor fôrça probatória é uma citação de Strábon, em que, aludindo a Onoba, Huelva, lhe chama πόλις Ἰβηρίας (cidade da Iberia) (4).

Que interpretação poderemos dar a estes factos? Em nosso critério, levam a concluir que tanto os púnicos como os gregos conheceram primeiramente e melhor a região do sul da Espanha que a do Este. No Este nada

(1) STRAB., III 4, 19: [ἄλλοι δ' Ἰβηρίαν] μόνην ἐκάλουσιν τὴν ἐντὸς τοῦ Ἰβήρου· οἱ δ' ἔτι πρότερον αὐτοὺς τούτους Ἰγλήτας, οὐ πολλὴν χώραν νεμομένους, ὡς φησὶν Ἀσκληπιάδης ὁ Μυρλεανός.

(2) STÉPH. BYZ., frag. 242, de MÜLLER, em *Frag. Histor. Graec.*, I, pág. 319: Τλήτες [= Γλήτες], ἔθνος Ἰβηρικῶν περιοικῶν τοὺς Ταρτησσίους.

(3) *Ora Mar.*, v. 302.

(4) III 5, 5.

havia que explorar nem para comerciar, enquanto que no Sul existiam desde tempos imemoriais ricos empórios e centros mineiros de grande importância, um dos quais, e dos mais valiosos, estava precisamente na região das minas de cobre de Huelva, bem como outro próximo, o de Tartessos, de fama então universal pelos seus depósitos de minério trazido do interior, principalmente o estanho oriundo da Galiza e das Bretanhas francesa e inglesa.

Não foi por mero acaso que, cerca do ano 1000 pouco mais ou menos, se fundou nas vizinhanças destes dois empórios a cidade de *Gádir*, a mais antiga colónia de todo o Ocidente, nem foi por obra do acaso que os gregos fundaram, também perto, a colónia de *Maináke*, a mais ocidental do mundo grego, ou que os fócios estabeleceram laços de amizade com *Arganthónios*, rei de Tartessos; não foi por uma simples casualidade que na Andaluzia se encontraram os mais velhos testemunhos das relações com gregos e púnicos, e que ali floresceu a mais avançada cultura de toda a Península, e ali entrou a romanização antes e melhor do que em qualquer outra província do Império.

Tudo denuncia claramente que gregos e púnicos deviam ter conhecido estas regiões primeiramente que as do Ebro, naquele tempo tão pobres como agora, onde não existem portos fáceis, nem riqueza agrícola, pecuária, ou mineral que pudesse atrair os mercadores estrangeiros.

Da região de Huelva o nome de Iberia estendeu-se ao resto da Península, ou melhor, à parte que lentamente os gregos iam conhecendo e incluindo na área das suas navegações. Razão porque nos textos gregos o nome de Iberia é dado indistintamente a toda a zona peninsular por eles conhecida, mas não necessariamente a toda a Península, como já vimos.

Todavia, cabe perguntar aqui: Como se explica então que os textos gregos mais recentes se exprimam sempre como se o nome de Ibéria derivasse do rio Iber = Ebro? Naturalmente porque este, uma vez conhecida a Península, atraiu mais a atenção, pelo seu grande caudal e extensão, do que o outro rio, que era insignificante, e quem sabe mesmo se já então lhe haveriam trocado o nome, como parece depreender-se do

silêncio posterior a seu respeito (1). Como os antigos eram muito inclinados a tirar explicações históricas e mitológicas dos nomes geográficos que não entendiam, é possível que se divulgasse a ideia, logo generalizada e aceite, de que Ibéria procedia do nome do rio Iber ou Ebro. E' vulgar encontrarmos no Sul nomes tópicos que reaparecem no E. e NE. Podia, portanto, muito bem haver um povo ibero e um rio Iber em Huelva, e outro povo e rio homónimos no NE.; mas a explicação destas homofonias, que não são casuais pois se repetem com relativa frequência, já está fora do nosso propósito.

O nome de Hispânia. — Do mesmo modo que os gregos se habituaram a dar à nossa península o nome de *Iberia*, também entre os escritores latinos não encontramos outra designação senão a de *Hispania*. Paralelamente, se, para os primeiros, os seus habitantes se chamam *iberes*, para os segundos são *hispani*.

E' oportuno averiguar agora de onde tiraram os latinos um nome tão diferente do empregado pelos gregos, e quando começou a ser usado. O problema, ou problemas, que este nome encerra são tão interessantes quanto é estranhável, em primeiro lugar, que, sendo os latinos herdeiros da cultura grega e seus imitadores (especialmente em matérias científicas, como as geográficas) (2), o nome com que conheceram a Espanha nada tenha que ver, nem na forma nem na origem, com o anterior grego de Iberia; e em segundo lugar que os avatares históricos fizessem com que desse tópico derivasse directamente o nome actual e official da nossa pátria, visto que a Espanha poderia actualmente chamar-se Ibéria, com os mesmos legítimos direitos, mas a verdade e a realidade é que se chama e lhe temos

(1) Em PLINIUS (III 7), ao Tinto e ao Odriel já se lhes chama Luxia e Urium, desconhecendo-se a origem destes nomes.

(2) Muito expressiva é, a este respeito, a frase de Strábon (III 4, 19) «os escritores romanos imitam os gregos . . . traduzem o que disseram os helenos, sem que eles por si próprios revelem uma grande curiosidade. Donde resulta que, quando faltam aqueles, os outros não preenchem a lacuna. Além disso, a maioria dos nomes geográficos usados são de origem grega».

chamado sempre Espanha, e que lá fora temos sido e continuamos a ser Espanha em qualquer das formas linguísticas hoje em uso (Espanha, Spagna, Espagne, Spain, Spanien, etc.). Vejamos pois, com o auxílio dos elementos de que dispomos, o que é hoje possível averiguar acerca de um nome de tão persistente vitalidade.

Averiguemos, antes de mais, o momento em que ele aparece pela primeira vez na História, e em que circunstâncias e ambiente. Para isso teremos de recorrer aos primeiros escritores latinos.

Num dos três primeiros autores por meio dos quais se abre à história a literatura latina, isto é — quase no tempo em que o latim começa a ser língua literária escrita, encontramos já o nome que havia de ostentar para sempre a nossa terra. Este autor é Ennius, que escreveu cêrca do ano 200 antes de J. C. A sua aparição em tal escritor temos de agradecer-lá ao acaso, visto figurar, por sorte, num dos cinco fragmentos conhecidos referentes à Espanha (reduzidos, aliás, a a um total de cinco versos) da sua História Romana (*Annales*). Um deles contém, efectivamente, a primeira menção conhecida do nome Hispânia. Merece a pena transcrever o testemunho, que diz apenas isto: *Hispáne, non Romane memoretis loqui me* (1). Esta referência, posto que não mencione o nome geográfico, tópico, cita o seu correspondente perfeito, o étnico geográfico derivado daquele, que autoriza a pressupor a existência indiscutível do nome Hispânia.

Quanto à data desta primeira referência conhecida podemos fixá-la no ano 200, pouco mais ou menos, antes de J. C., ou seja logo em seguida ao final da segunda guerra púnica, ou anibálica. Aparece portanto este nome na história muito posteriormente ao de Ibéria, que o precedeu quatro séculos, se bem que talvez aquele já fosse corrente ao tempo da primeira guerra púnica (segundo terço do século III).

(1) *Annales*, 503, ed. VAHLEN. A tradução é esta: «Lembra-vos de que me tendes ouvido falar como espanhol, e não como romano». Talvez se trate de um embaixador espanhol em Roma.

Naquilo que conhecemos, dos seus contemporâneos, um pouco mais velhos, Livius Andronicus e Naevius, nada existe que aproveite a este assunto. Ainda mais — as citações literárias posteriores, conhecidas como do século II, são também raríssimas. Seria de esperar que durante esta centúria o nome de Hispânia apparecesse correntemente citado pelos historiadores, pois foi justamente este o século em que Roma sofreu os maiores desastres e dificuldades na Península (Numantia, guerras de Viriato); contudo, em documentos da época, apenas uma única vez deparamos com a menção de Hispânia, e mesmo essa em L. Caius Hemina, autor de somenos, que deve ter escrito por meados do referido século. Esta menção é a primeira que regista o nome geográfico Hispânia, e parece que na ocasião de uma referência à segunda guerra púnica (1). Indirectamente encontra-se citado duas vezes mais, durante a mesma centúria, em textos atribuídos a L. Coelius Antipater (cerca do ano 120 antes de J. C.), mas é duvidoso que tais citações sejam cópias textuais do referido autor (2).

No século I antes de J. C. o nome já é corrente em todos os historiadores.

Note-se, todavia, que a raridade das citações anteriores ao século I não quer dizer que este nome não fosse inúmeras vezes citado pelos historiadores e analistas, e mencionado pelo povo em geral, como tópico vulgar, de todos conhecido; a raridade dos testemunhos naqueles dois séculos (III e II) deve attribuir-se à escassês de textos dessa época. Ora como os textos directos, anteriores ao século I, são raríssimos, muito raras são igualmente as ocasiões em que neles surge o nome de Hispânia ou seus derivados.

Extensão do nome Hispânia. — Quanto à extensão do termo geográfico Hispânia, coincide sempre, entre os latinos, com toda a península. No ano 197 foi esta

(1) Nonius s. v. *utrasque* p. 183: *Hemina historiarum lib. III, «in Hispania pugnatum bis, utrasque nostri loco moti»*. PETER. *Hist. Rom.*, Frag. 73.

(2) LIV., XXI 47, 4 e PLIN., *N. H.*, II 169.

já dividida nas duas províncias *Citerior* e *Ulterior*, das quais a *Citerior* teve, desde o início, limites moderados e lógicos; não assim a *Ulterior*, cujas desmedidas proporções dão a entender que a região do O., NO. e N. não era ainda bem conhecida, quer na forma, quer no tamanho. A sua verdadeira configuração não foi completamente conhecida até ao tempo de Augustus, posto que antes já tivessem estado em Portugal e na Galiza Brutus Gallaicus (meados do século II) e Caesar (meados do século I). Contudo, desde começo, todas estas regiões foram incluídas, sem sombra de dúvida, na chamada Hispânia *Ulterior*, o que quer dizer que faziam parte da Hispânia.

O texto de Polybios, atrás citado a propósito da extensão do nome grego de Ibéria, revela no entanto uma certa hesitação, devida evidentemente ao espírito crítico do grego, que considerava ousado dar um nome genérico a uma região ainda insuficientemente conhecida.

Em Strábon (época de Augustus) encontra-se já o texto seguinte, onde se identificam completamente os termos Ibéria e Hispânia: «Os romanos designaram toda a região [a Península Ibérica] indistintamente pelos nomes de Ibéria e de Hispânia, e às suas partes chamaram *Ulterior* e *Citerior*, reservando-se modificá-las se as circunstâncias exigissem uma nova divisão administrativa» (1). A afirmativa straboniana sobre a indistinção entre os romanos das designações de Ibéria e Hispânia é possível que fosse verdadeira, relativamente à linguagem usada nos meios cultos, helenizados e helenizantes, da época de Caesar e de Augustus; mas o certo é que o termo Ibéria raríssimas vezes aparece entre os latinos, pelo menos nos textos conhecidos.

E' interessante notar a frequência do plural (*Hispantiae*), alusão indiscutível às diversas províncias em que ela se considerava dividida já desde os começos do século II, como dissemos. Os textos, com efeito, costumavam registar Hispânia *Ulterior*, Hispânia *Citerior*,

(1) STRAB., III 4, 19. Ῥωμαῖοι δὲ τὴν σύμπασαν καλέσαντες συνονόμας Ἰβηρίαν τε καὶ Ἰσπανίαν τὸ μὲν αὐτῆς μέρος εἶπον τὴν ἑκτὸς τὸ δὲ ἕτερον τὴν ἑντὸς ἄλλοτε δ' ἄλλοις διαίρουσι, πρὸς τοὺς καιροὺς πολιτευόμενοι.

e, em seguida à reforma de Augustus (7-2 antes de J. C.), Hispânia Tarraconensis, Hispânia Lusitânia e Hispânia Baetica.

Por influência culta, encontra-se às vezes nos escritores latinos o nome de Ibéria e Hiberia, e vice-versa nos gregos surge o de Hispânia, ao modo latino, Ἰσπανία. Assim, em Plinius o antigo, aparecem os termos geográficos *Hiberia* (III 21), *Hibericum Mare* (III 6 e 74) e o gentílico *heberi* (III 8), mas somente nos casos em que parece reportar-se a autores gregos, ou em que trata de coisas passadas, porque nos restantes emprega *Hispania* e *hispani*, etc. No geógrafo grego Ptolemeus lemos isto: τῆς Ἰσπανίας, κατὰ δὲ Ἑλλήνας Ἰβηρίας (II 4, 1); e, para não cansar de mais o leitor com novos exemplos, citemos finalmente Markianos de Heráklea, onde se lê o seguinte: Ἡ Ἰβηρία ἤτις καὶ Ἰσπανία καλεῖται (II 6); e ainda isto: τὴν τε Ἰβηρίαν ἢν καὶ Ἰσπανίαν προσαγορεύουσι (II 3), ou isto: ἐν δεξιᾷ μὲν τῆς Ἰσπανίας ἐστὶν ἡ Βαιτικὴ (II 3), ao lado de ... ἀπὸ τῆς ἐν Ἰβηρίᾳ Κάλπης (II 4). Finalmente, sem a pretensão de esgotar por completo as citações de Markianos, porque elas nada mais adiantam, transcrevemos apenas outra frase: Πρώτερον μὲν οὖν ἡ Ἰβηρία διήρητο ὑπὸ Ῥωμαίων εἰς ἐπαρχίας δύο, νυνὶ δὲ εἰς τρεῖς, εἰς Ἰσπανίαν Βαιτικὴν καὶ εἰς Ἰσπανίαν Λουσιτανίαν καὶ Ἰσπανίαν Ταρρακωνησίαν (II 7). Mas estes são já autores tardios.

O primeiro caso em que cronologicamente poderemos considerar o nome latino de Hispânia adoptado por um grego é num tal Díphilos (sem dúvida distinto do da «comedia nova», isto é, posterior ao século IV antes de J. C.), o qual falando do «garum» de Sexi (Almuñécar) lhe chama σπανός = hispanus (1). Note-se que o adjectivo daria um nome Σπανία, Spania, talvez mais lógico e antigo que o de *Hispania* (com H parasita), conforme vamos ver.

Origem do nome Hispânia. — Façamos finalmente estas perguntas: Como é que os gregos e os latinos conheceram a Península por dois nomes tão distintos,

(1) Σπανός ὁ Σαξίτανός λεγόμενος, ATHÉNAIOS, III 121-a.

entre os quais é impossível estabelecer qualquer origem comum? Se o nome Iberia é explicado entre os gregos pelo rio Iber, fosse qual fosse este rio, em que origem devemos filiar, por sua vez, o de Hispânia?

E' já velha a suposição de que esta palavra contém uma raiz fenícia, porventura derivada de «Saphan», correspondente a «cuniculus», ou coelho, animal muito abundante em Espanha e desconhecido tanto dos fenícios, como dos gregos (1). O acréscimo do *i*, com que os fenícios exprimiam a ideia de ilha ou costa, devia dar *i-sephan-im*, de onde teria derivado *Ispania*, que significaria talvez «costa ou ilha dos coelhos».

Este nome seria portanto corrente entre os cartagineses, que o teriam herdado dos tírios. De modo que, devido à proximidade de Cartago e Roma, e à sua comunidade de interesses no Mediterrâneo Ocidental, que deram lugar às três famosas «guerras púnicas», conheceram os romanos a nossa península com o nome púnico de *Ispania*, ao qual acrescentaram um *H*, que não tem outra explicação senão a analogia com o empregado em Hibernia, em Hasta, ou ainda em Hispalis. Não sendo argumento satisfatório, é todavia provável e possível.

Neste caso, o nome mais antigo de Espanha seria o de *Ispania*, anterior e mais concreto que os de Hespéria, Ophioussa e Ibéria, pois data-lo-íamos do tempo das primeiras relações de Tyro com as costas do Sul da Espanha, ou seja do ano 1000, pouco mais ou menos, quando os Tyrios fundaram Gádir (Cádiz).

A suposição de que Hispânia contém uma raiz fenícia é já muito antiga, como dissemos. Bochart, na sua *Geographia Sacra* (2), escreve: *Hebraeis saphan est cuniculus, inde Spanija dicta cuniculosa regio*. Actualmente participam da mesma opinião Littmann e Schulten (3), e também nós a reputamos aceitável, como hipótese.

Nesta hipótese, parece que o *H* de Hispânia deve

(1) Vide STRAB., II 2, 6 e III 5, 2.

(2) Ed. 1674, pág. 190, ed. 1707, pág. 631, segundo SCHULTEN, *El nombre «Espanña», na Investigación y Progreso*, 1934, pág. 161.

(3) Vide SCHULTEN, loc. cit.

ser uma letra parasita, cuja origem desconhecemos, mas que não é insólita noutros nomes, tal como no grego latinizado Hibernia, nos latinos Hasta e Hispalis, etc. Caso curioso a este respeito, e até agora raro, quanto a mim, podemos apontar o da estela mortuária de um *eques alae Hispanae*, onde não aparece o usual H (4). A estela é anterior ao ano 74 de J. C., data em que aquela guarnição militar já tinha abandonado a Germânia Superior. Parece ser mesmo bastante anterior a essa data. Casos semelhantes vemos em inscrições gregas. No *cursus honorum* de Nikaia (2) cita-se um [ἑπαρχο]ς σπειρης β' Σπανῶν εὐσεβούς πιστῆς; noutra inscrição lê-se também Σπανῶν (3). Mas, por outro lado, vemos Ἰσ[π]ανῆς (4) e Ἰσ[π]ανῶν (5).

Muitos nomes geográficos fenícios e cartagineses, herdados pelos romanos, poderíamos ainda citar em Espanha. Não falando em nomes de cidades, tais como Málaga, Gádir, etc. (6), encontra-mo-los também referentes a regiões, como o de Ebusus, do fenício *i-b-sh-im*, isto é «ilha dos pinheiros», a que os gregos, traduzindo, chamavam na mesma: Pityoussa (Πιτυούσσα, de πῖτυς = pinheiro), conforme aliás o afirma Timaios (7).

DR. A. GARCIA Y BELLIDO

Prof. da Universidade de Madrid.

(1) ESPÉRANDIEU, VIII 5788. Mannheim.

(2) *Bull. d. Instit.* 1848, 74.

(3) *Erch.-epigr. Mitt.* VIII 22.

(4) *Bull. hell.* IV 103.

(5) *IGI.* 172.

(6) Vide MILLÁS VALLICROSA, «De toponimia púnico-española», *Sefarad*, I, fasc. 2 (1941), pág. 6 da separata.

(7) Apud DIÓDOROS, em V 16: ἀπὸ τοῦ πλῆθους τῶν κατ' αὐτὴν φηομένων πῖτύων.

N. da R. — Este importante artigo, com que o ilustre Catedrático da Universidade de Madrid, Sr. Prof. António Garcia y Bellido, honrou as páginas da nossa Revista, foi vertido para português, conforme o desejo do Autor, pelo Sr. Coronel Mário Cardozo.